

## ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA REGIONAL

A. AUGUSTO TAVARES

Promove a Universidade Aberta em conjunto com a Câmara do Seixal este colóquio sobre Arqueologia e História Regional. Reconhecemos certamente que o tema é bem adequado a uma autarquia que, no caso presente, tem revelado considerável empenho no conhecimento da sua história e valores culturais. Efectivamente têm sido múltiplas as suas actividades na área da arqueologia e valorização do património cultural.

O tema, que é vasto e aliciante, entra também plenamente nos objectivos da Universidade que é “Aberta” pelo nome e pela sua especificidade, bem expressa aliás, no seu emblema, à maneira de brasão, ditado por regras heráldicas: uma grande janela por onde entra a luz e a voz do exterior e por onde sai a luz da cultura e do saber para a sociedade. Efectivamente é sua vocação sair dos seus muros, “proporcionar ao número possível de cidadãos acesso à mutação de ideias e de formas de expressão cultural”, como se lê no texto da sua fundação (Decreto Lei n.º 444/88 de 2 de Dezembro). A história local e regional, ao estudar a formação e desenvolvimento das povoações e seus grupos sociais, ao investigar as raízes históricas e tipologia de uma localidade, constitui, pelo seu próprio objecto, uma adequada proposta de trabalho da Universidade Aberta.

Por sua vez a arqueologia, sendo por definição ciência das coisas antigas com o objectivo de reconstituir o passado humano, ocupa lugar de primordial importância na história regional. Pratica-se num complexo histórico-geográfico, numa geo-história, tarefa especializada de uma determinada categoria de investigadores que são os arqueólogos, aqueles que, de certa forma, desenterram a história. Com a arqueologia surge pois espontaneamente a ideia de terra, o conceito de região e de história regional, tema que hoje nos congrega.

## **Aparentes contrastes da contemporaneidade: mundialização e história regional**

Realiza-se este colóquio no mês de Maio de 1999, ou seja quase no fim do segundo milénio, conjuntura temporal que não deixa de ser, em termos de História, um marco de referência. Há mil anos atrás os nossos antepassados viviam alarmados com a iminência de um fim do mundo que se aproximava, segundo criam. Recorda-nos a História as angústias e terrores do ano mil. Ao terminarmos o actual milénio, bem pelo contrário, nós experimentamos o conforto que o progresso nos trouxe e vivemos com optimismo o presente e cheios de confiança no futuro. Em vez de fim do mundo, tudo nos leva a pensar que estamos no princípio e quando daqui a milénios os nossos continuadores se referirem à nossa época, possivelmente irão chamar-lhe pré-história.

A História é um processo contínuo que vem desde o princípio da existência humana até agora. Vieram eclodir no presente os caminhos do passado: experiências positivas e negativas. Chegaram até nós forças étnicas, religiosas, culturais... Somos continuadores e construtores neste processo civilizacional. Quantos nos precederam? Quantos contribuíram para sermos o que somos? Parte-se daqui para o futuro cujos caminhos ninguém pode conhecer. O futuro é naturalmente incerto, indeterminado. Ninguém poderá definir as metas que é capaz de atingir o espírito humano, mas não duvidamos de que há um sentido ascensional (e não apenas na esfera biológica, seguindo a linguagem e pensamento de Darwin). Como quer que seja, não somos caminheiros errantes numa enorme aventura, sem destino. Há certezas no presente e há esperanças quanto ao futuro. A História também tem as suas leis. Por isso dizemos que ainda estamos no princípio.

Classificamos a nossa época de planetária, mas já com os Descobrimentos dos séculos XV e XVI houve comunicações e trocas através do planeta então conhecido, entre os continentes: Europa, África, Ásia, América. Todos nós experimentamos diariamente o bem e o mal da globalização, da mundialização naquilo que vestimos, no que comemos, no que vemos. A própria terra e até outros planetas são filmados e podem ser vistos por quem quer que seja, em qualquer parte do mundo, num pequeno ecrã de televisão. É de facto o tempo da mundialização pluriplanetária e os nossos conceitos são de macro-geografia. Parecem abranger o mundo numa globalidade difusa e indefinida. Mas, não obstante ser assim, damos conta de que há regiões diferentes de outras. Há conflitos e guerras dentro de alguns países, no interior dos diversos continentes e entre povos de um continente contra outro. Quando tudo levaria a pensar que terminaram as diásporas humanas, chegam até nós refugiados do Kosovo ou foragidos de guerras de Angola, da Guiné ou de Timor. Falamos de mun-

dialização, mas o homem não aprendeu ainda a ser cidadão do mundo. Cada um tem a sua terra, um pequeno lugar do mundo. Pertence a uma região e só aí encontra os que têm os mesmos ares de família de que ele faz parte e onde sabe situar-se como em casa própria.

Os generalizados conceitos de globalização, de macro-geografia e outros do género mais acentuam a importância da micro-história e a necessidade do aprofundamento das identidades locais e regionais. A história regional ultrapassa nos seus interesses a própria história universal. Não se trata de história em migalhas, mas do estudo científico pormenorizado, diferenciado e globalizante duma comunidade humana dentro de um complexo histórico-geográfico, numa pequena área, onde se desenvolve a consciência da importância da organização territorial da sociedade.

Não é um género de história que perca a sua função abrangente. Pelo contrário, realiza a sua função integradora pela interdisciplinaridade aplicada num campo de estudo mais restrito. A propósito refira-se que este nosso colóquio, enquanto actividade da Universidade Aberta, tem a chancela do seu Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares aqui presente por vários dos seus membros.

A história regional guiar-se-á menos por critérios de periodização e muito mais por conceitos de estruturas e conjunturas locais, estruturas e conjunturas que se entrelaçam e que obviamente são variáveis conforme os espaços geográficos. Uma investigação e prática historiográfica nestas perspectivas será diferente no Seixal do que seria numa aldeia, vila ou cidade do interior do país. Em qualquer dos casos, será de certo abrangente. Estudará mentalidades e culturas, por ventura de origem remota, elementos inconscientes que entraram no quotidiano e na vivência social (objecto do campo específico da antropologia), bem como aspirações e comportamentos, situações que se reportam à economia, à política, etc. Assim sendo, a história regional situa-se numa encruzilhada onde se encontram a antropologia, a geografia, a economia, a ciência política, etc., pois tem por objecto de estudo toda a intervenção humana sobre um determinado território. Assume-se desta forma como uma ciência de intervenção no desenvolvimento económico e social, não por propor soluções, pois nunca tal papel pertence à História, mas por apresentar as realidades como elas são, a partir das suas origens e raízes profundas, a quem tem poder de decidir.

É uma propensão actual da história fazer incidir a investigação em áreas específicas e bem definidas como a família, a mulher, a criança, movimentos políticos e de organização do trabalho, o fenómeno das migrações, das minorias e suas relações de harmonia e conflitos com as populações locais, repartição das populações e/ou localização das actividades... Analisa disparidades

económicas e outras, tal como se preocupa com fenómenos de marginalização e de pobreza. A história regional, como começa a desenhar-se e a praticar-se, com alguma timidez entre nós, consiste pois numa intervenção pluridisciplinar numa região concreta. Por quanto acabo de expor, perguntaria se de facto não constitui, pelos seus métodos e pelos seus objectivos, uma base de trabalho para o poder político, uma ciência de intervenção local e regional.

## **A Arqueologia na história regional**

Perguntarão os meus pacientes e estimados ouvintes onde entra a arqueologia que aqui nos trouxe e que é sempre tema apaixonante, de tal forma que não há ninguém que alguma vez a tenha praticado que esqueça esse amor de algum tempo e deixe de ter saudades da arqueologia. Sem outros considerandos, repetimos que obviamente ocupa lugar de primordial importância na história de uma localidade ou de uma região, Poderão algumas terras ser silenciadas nos documentos dos arquivos, mas talvez sejam recordadas no seu passado por um sítio arqueológico que permanece e de alguma forma se torna vivo pelo trabalho do arqueólogo.

A nível dos arqueólogos, em Portugal, hoje discutem-se conceitos e elaboram-se teorias sobre arqueologia, trabalho de reflexão que naturalmente importa, mas a nós, neste momento, mais que a teoria interessa-nos a prática.

O vulgo olha para a arqueologia e para os arqueólogos das mais diversas formas, não faltando quem a aprecie como uma snob actividade lúdica: aquele pratica hipismo ou joga golf porque gosta e tem dinheiro, este abre buracos na terra porque gosta de encontrar coisas, uma espécie de amuletos ou objectos sagrados. Ora a actividade do arqueólogo, convenhamos todos, é de carácter científico: seguindo rigorosa metodologia, descobre, interpreta e revela materiais que são fontes do passado de uma terra. Interpreta e dá a conhecer valores patrimoniais que defende e salvaguarda. Trata-se a bem dizer de uma prática cultural de história ao vivo. O sítio arqueológico que escava pode ser visto e o arqueólogo ajuda à leitura ou seja à interpretação do espólio arqueológico descoberto no seu contexto.

Vai longe o tempo de se olhar para o arqueólogo como o escavador em busca de tesouros escondidos na terra, um hobby, apesar de tudo, selecto. E não é assim. O arqueólogo é alguém que procura conhecer as vias que nos ligam ao passado, alguém que procura encontrar as raízes mais ou menos distantes da cultura, que revela as ligações entre as antigas experiências e formas de vida, conservadas ou não pelas tradições locais ou veiculadas por fontes

escritas. Alguém que mostra, pelos materiais desenterrados, sobrevivências que integram o património de uma terra e de uma colectividade humana. É portanto de direito um historiador que, não se servindo de fontes escritas guardadas num arquivo, se serve daquelas que jazem escondidas no arquivo da terra. Calçado de bota grossa, vestido de calça ou calção de ganga roçada ou de caqui debotado, de mãos ásperas pelo contacto com o pó, sem usar o discurso do poder, tem uma força a que outros não chegam. É um humanista, venha-lhe a sua preparação básica da área da história, da geologia ou de outro ramo do saber. É naturalmente um homem culto com uma preparação que “não está ao alcance de todas as cabeças”, usando da expressão que na Renascença italiana se usava para caracterizar o arquitecto ideal.

O arqueólogo é a seu modo um gerador de cultura, um interventor do progresso. É claro que os seus valores não são económicos mas têm um valor estável e inalienável. Fazem parte do património que é imorredouro, uma herança que vem de outros tempos, que é parte da memória em que assenta a identidade de uma terra. E os valores que fazem parte da história de um povo são motivo de brio e do orgulho de toda a colectividade. Os que não sentem orgulho pela sua terra mais facilmente padecerão do síndrome do nomadismo. São árvores sem raiz. E é caso para perguntarmos qual seria o futuro de uma terra sem passado

O arqueólogo tem pois considerável força e poder na comunidade em que está inserido: é educador sem o dizer, é professor sem pensar que tem alunos. Mesmo sem a linguagem do poder, exerce um magistério de influência que é insubstituível e não é fácil de medir-se. Compreende-se pois que uma autarquia terá seguramente uma mais valia quando pode contar com arqueólogos, como é o caso do Seixal.

Mas entre as suas funções sociais há uma que, nos nossos dias, se reveste de particular relevância: a sua intervenção no turismo cultural.

## **O arqueólogo e o turismo**

O turismo é tema da moda na actualidade e não há autarquia que não tenha no seu programa o turismo como factor de desenvolvimento. Para além da política de apresentação do património material, multiplicam-se um pouco por toda a parte iniciativas de diversa ordem para chamar turistas. Tudo isto porque se sabe que as pessoas viajam facilmente e as deslocações por recreio ou por outros motivos podem simultaneamente ser motivo para alargar horizontes, procurar conhecimentos e experimentar emoções. Assim, fala-se de turismo

termal (e há regiões onde se estão a fazer, neste momento, grandes investimentos neste sector, como por exemplo a Beira Alta, em diversas estâncias termais), fala-se de turismo de montanha, de campo, de mar, etc. E existe o turismo religioso e o turismo cultural, aquele que neste momento mais entra na nossa temática. Nos tempos medievais e mesmo posteriormente, as pessoas viajavam para grande centros religiosos e a Igreja foi a grande viajadora enquanto promotora das grandes peregrinações: para Jerusalém, para Roma, para S. Tiago de Compostela, etc. Entretemo-nos actualmente com a identificação dos caminhos de S. Tiago e com as igrejas românicas construídas por vezes nas proximidades de tais caminhos, e que ainda permanecem como testemunhos da religiosidade e ruralidade de então. Mas actualmente são as viagens de recreio e de lazer que entraram nos hábitos da sociedade. O homem moderno, que nem sempre tem tempo para ler nem gosto pela leitura, habituou-se a viajar e pode aprender, caminhando e vendo. Aqui se vê a oportunidade da oferta de bens culturais.

O turismo cultural é turismo de descoberta dos sítios e riquezas que marcam a identidade de uma terra e a diferenciam de outras. O tema leva-nos de imediato para o património, num sentido amplo do termo, para algo que é estável e merece ser conservado, para os elementos materiais que não podem alienar-se, mas que não-de defender-se, valorizar-se e dar-se a conhecer.

De um lado temos o património material dos sítios consagrados à cultura como são os monumentos, os sítios arqueológicos, as obras de arte, os edifícios, os jardins. Ao lado deste património que resulta da intervenção humana, existem sítios privilegiados da natureza, como esta linda baía do Seixal, ou como outros desta região situada entre o Tejo e o Sado, onde por vezes se casam, com extraordinária beleza e harmonia, a montanha com rio e mar. Junte-se ainda a tudo isto o património imaterial das tradições, das festas e romarias, por vezes da culinária, etc. No fundo, em terras como o Seixal, há uma rica oferta ao visitante de bens e de saberes.

Mais uma vez chegamos ao tema inicial da importância da ciência regional, concretamente da história local, como intervenção pluridisciplinar num território delimitado e mais uma vez ainda nos aparece em destaque a arqueologia e a função social do arqueólogo, não apenas como alguém que escava sítios arqueológicos, como alguém que se empenha na elaboração de roteiros e de circuitos turísticos, e especialmente como técnico que, pela sua formação e sensibilidade, ajuda a descobrir e a apreciar o património local.

## Conclusão

Terei talvez de me penitenciar pelas minhas palavras que, sendo, pela sua forma e estilo, uma apologia da história local, uma espécie de convite e interpelação aos arqueólogos, parece não terem sentido neste momento e lugar, a não ser que sejam entendidas como um preito de louvor por quanto aqui se tem feito. De facto encontramos-nos no Seixal, terra de história, com património rico e variado, terra de memória, de tradições e que, ao mesmo tempo é cidade. Juntamente com pergaminhos antigos, possui o dinamismo, criatividade e juventude de uma cidade nova.

Conta com a participação de conhecidos arqueólogos e animadores culturais aqui presentes. Juntam-se a eles distintos arqueólogos da região, designadamente de Setúbal, de Almada, e da Universidade Aberta. Pelo seu saber e justificado prestígio, pelo nível de trabalhos realizados, os seus nomes, em vários casos, tornaram-se referências obrigatórias na arqueologia. Seja-me permitido dirigir a todos uma palavra especial de apreço e de reconhecimento pela sua resposta afirmativa ao convite que lhes foi dirigido para este nosso colóquio.

Quase todos participaram nas jornadas sobre a **ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado** que aqui tiveram lugar em finais de 1991, cujas actas viram a luz da publicação num belo volume em 1996. São eles que nos vão guiar por épocas tão diversas que vão desde o Paleolítico até tempos mais recentes da arqueologia industrial, não faltando a importante temática da musealização.

A região entre Tejo e Sado é um verdadeiro mosaico de estações arqueológicas, o que não admira. Pela sua situação geográfica foi sempre zona de fixação de populações e de passagem para outras, área por isso privilegiada de contactos e de convergência de culturas. Por mim, afastado de trabalhos de campo mas atento ao que se vai fazendo, serei discípulo atento às lições que nos vão dar.

Não desejarei terminar sem dirigir uma palavra de saudação ao Sr. Presidente da Câmara do Seixal, que nos dá a honra da sua presença, saudação que me permito tornar extensiva aos seus próximos colaboradores nestas áreas da cultura, garantindo a disponibilidade por parte da Universidade Aberta para colaboração futura em actividades deste género.

## Bibliografia subsidiária

Este texto corresponde substancialmente à intervenção oral feita no colóquio sobre Arqueologia e História Regional. Por tal razão, não aparece com notas e citações bibliográficas, mas nem por isso deixamos de indicar alguns títulos bibliográficos de interesse para o tema:

- ALARCÃO J., JORGE V. O (Coord.) — *Pensar a Arqueologia, hoje*, Lisboa, Gradiva 1997.
- AMIN A., THRIFT N. (ed.) — *Globalization, Institutions and Regional Development in Europe*, Oxford, Oxford University Press 1994.
- BAYLE D., HUMEEAU M. S. — *Valoriser le patrimoine de sa commune par le tourisme culturel*, Paris, Ed. Moniteur 1992.
- BENKO G. — *La Science régionale*, Paris, PUF 1998.
- CLUZEAU CL. O. — *Le tourisme culturel*, Paris, PUF 1998.
- COELHO M. H. C. MAGALHÃES R. — *O Poder concelhio: das origens às cortes constituintes*, Coimbra, CEFA, 1986.
- DJIAN J. M. — *La politique culturelle*, Paris, Ed. Le Monde 1996.
- MORIN E., BOCHI G. — CERRUTI M. — *Os problemas do fim de século* (trad.), Lisboa, Ed. Notícias 1990.
- VOLTZ P. — *Mondialization, Villes et Territoires*, Paris, PUF 1996.